



AGORA, ESTAMOS BEM NOW WE'RE FINE

*Gustiele Regina Fistaról
Mani Torres dos Santos
Mariana Silva da Silva*

Resumo: Este ensaio apresenta imagens e relatos de três artistas participantes da exposição "Estou bem, mas poderia estar um pouquinho melhor", inspirada no conto homônimo de Lydia Davis, que ocupou a Galeria de Arte Loide Schwambach, em Montenegro/RS, no ano de 2022. O objetivo é compartilhar processos criativos impulsionados por *infra-provocações* do projeto de pesquisa *O extraordinário como método investigativo em arte e educação*, em que artistas de diversas áreas criativas inventam práticas investigativas a partir do termo *infraordinário* de Georges Perec.

Palavras-chave: Infraordinário. Exposição coletiva. Projeto de pesquisa.

Abstract: This essay collects images and reports from three artists who were participating in the exhibition "I'm pretty comfortable, but I could be a little more comfortable", inspired by the eponymous tale by Lydia Davis, who occupied the Loide Schwambach Art gallery in 2022, located in Montenegro/RS. The goal is to share creative processes driven by *infra-provocations* from the research group *O extraordinário como método investigativo em arte e educação (The extraordinary as an investigative method in art and education)*, in which artists from different creative areas invent investigative practices based on the term *infraordinary* by Georges Perec.

Keywords: Infraordinary. Collective Exhibition. Research Project.

AGORA, ESTAMOS BEM NOW WE'RE FINE

Gustiele Regina Fistaról
Mani Torres dos Santos
Mariana Silva da Silva

Resumo: Este ensaio apresenta imagens e relatos de três artistas participantes da exposição "Estou bem, mas poderia estar um pouquinho melhor", inspirada no conto homônimo de Lydia Davis, que ocupou a Galeria de Arte Loide Schwambach, em Montenegro/RS, no ano de 2022. O objetivo é compartilhar processos criativos impulsionados por *infra-provocações* do projeto de pesquisa *O extraordinário como método investigativo em arte e educação*, em que artistas de diversas áreas criativas inventam práticas investigativas a partir do termo *infraordinário* de Georges Perec.

Palavras-chave: Infraordinário. Exposição coletiva. Projeto de pesquisa.

Abstract: This essay collects images and reports from three artists who were participating in the exhibition "I'm pretty comfortable, but I could be a little more comfortable", inspired by the eponymous tale by Lydia Davis, who occupied the Loide Schwambach Art gallery in 2022, located in Montenegro/RS. The goal is to share creative processes driven by *infra-provocations* from the research group *O extraordinário como método investigativo em arte e educação* (*The extraordinary as an investigative method in art and education*), in which artists from different creative areas invent investigative practices based on the term *infraordinary* by Georges Perec.

Keywords: Infraordinary. Collective Exhibition. Research Project.

Atravessávamos o ano de 2019, ruídos de fundo alcançavam nossos ouvidos e se conectavam a ideias arquitetando novas perspectivas, caminhos, projetos. No frescor daquele início de semestre a professora Mariana Silva da Silva compartilhou seus desejos quando disse: "o cotidiano me emociona" e se juntaram ali em torno de todas as banalidades tangíveis e intangíveis, artistas da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) da unidade de Montenegro, para uma investigação acerca do *infraordinário*, tomando a noção cunhada pelo escritor Francês Georges Perec¹:

Interrogar o habitual. Mas, justamente, estamos acostumados com ele. Nós não o interrogamos, ele não nos interroga, não parece ser um problema, nós vivemos sem pensar, como se ele não transmitisse nem pergunta, nem resposta, como se ele não carregasse nenhuma informação. Não se trata nem mesmo de condicionamento, é a anestesia. Dormimos nossa vida em um sono sem sonhos. Mas onde está a nossa vida? Onde está nosso corpo? Onde está o nosso espaço? (PEREC, 1989, p. 10).²

¹ Georges Perec (1932-1986) foi um escritor francês, membro do grupo de escrita Oulipo. Seu texto é marcado pela experimentação e imposição de restrições que jogam com a literatura e, muitas vezes, com a matemática. O termo mencionado refere-se ao livro *L'infra-ordinaire* (1989).

² "Interroger l'habituel. Mais justement, nous y sommes habitués. Nous ne l'interrogeons pas, il ne nous interroge pas, il semble ne pas faire problème, nous le vivons sans y penser, comme s'il ne véhiculait ni question ni réponse, comme s'il n'était porteur d'aucune information." Tradução Mariana Silva da Silva.

Foi na soma de quereres cotidianos que inaugurou-se a pesquisa intitulada *O extraordinário como método investigativo em Arte e Educação*, com pessoas de diversas cidades do Rio Grande do Sul, das áreas de artes visuais, dança e teatro. A pesquisa é vinculada ao grupo FLUME - Educação e Artes Visuais (UERGS - CNPQ).

Desde então, de maneira ininterrupta, artistas inventam práticas investigativas explorando as conexões entre a arte e a vida cotidiana, a partir do compartilhamento de experiências, leituras e discussões tanto sobre Perec, quanto sobre autores e artistas que tangenciam o cotidiano e o extraordinário. Tais infra-provocações são disparadoras para criações artísticas e ações, resultando em trabalhos individuais e coletivos, exposições, vídeos, livros, publicações, entre outras.

No ano de 2021, o grupo partiu da leitura do conto "Estou bem, mas poderia estar um pouquinho melhor" da escritora Lydia Davis, publicado no livro *Nem Vem* (Companhia das Letras, 2017), para produção de materiais que deram origem à exposição homônima à qual tratamos neste ensaio. A exposição, abraçada também pelo projeto de pesquisa *Quando a arte encontra a natureza: uma pesquisa poética no extraordinário*, foi inicialmente uma proposta para a rede Instagram, no perfil @infraordinaries e posteriormente ocupou, durante um pouco mais de um mês e meio a galeria de arte Loide Schwambach, em Montenegro, Rio Grande do Sul. Fazem parte do projeto Bruno de Andrade, Gustiele Fistaról, Kelleme Francini Santos, Lai Borges, Lau Graef, Lis Machado, Mani Torres, Mayara de Lima, Raphael Varjak, Samira Lessa Abdalah, e Tatiane Passos, pessoas vinculadas aos cursos de artes da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), egressas e estudantes, e também a coordenadora do projeto Mariana Silva da Silva.

Em tempos pandêmicos, tempos de angústia e isolamento social, o encontro com a obra de Davis, um conjunto de histórias breves, bem humoradas e atentas ao mais prosaico da vida, convida-nos a observar o mundo e procurar palavras precisas (e não tão precisas) para descrevê-lo. Assim como outrora o fez outro escritor, Georges Perec, e sua investigação sobre o extraordinário e o "barulho de fundo".

Estou cansada.

As pessoas na minha frente estão demorando muito para escolher o sabor do sorvete.

Meu dedão está doendo.

Tem um homem tossindo durante o concerto.

A ducha está um pouco fria demais.

O trabalho que tenho para fazer hoje de manhã é difícil.
Nos sentaram muito perto da cozinha.
A fila dos correios está comprida demais.
Estou com frio sentada aqui no carro.
O punho do meu suéter está úmido.
O chuveiro está sem pressão.
Estou com fome.
Eles estão brigando outra vez.
Esta sopa é insossa.
Minha laranja-lima está um pouco seca.
Não consegui sentar no trem sem ninguém ao meu lado.
Ele está me fazendo esperar.³

Davis atenta aos seres humanos, seus objetos e hábitos e até mesmo aos animais (publicou também *As vacas*, história sobre três vacas muito amadas que viviam do outro lado da rua), revela uma sintonia com o funcionamento do mundo, os sabores, a sujeira da casa, o trabalho, a insatisfação, o clima, a luz. Algo incrível e inútil que pode ser revelado em uma conversa.

Cada artista, assim, atentou-se para seu microcosmos, isolado, porém procurando alguma forma possível de contato. Nas próximas páginas, Gustiele Fistaról, Mani Torres e Mariana Silva da Silva compartilham breves relatos sobre seus processos de criação e pensamentos que atravessavam suas pesquisas. A pandemia que nos sufocava há dois anos deu uma trégua e permitiu que nos reuníssemos presencialmente nesta exposição na galeria de arte Loide Schwambach. Agora, estamos bem, mas poderíamos estar um pouquinho melhor.

³ Trecho retirado de “Estou bem, mas poderia estar um pouquinho melhor” de Lydia Davis, publicado em: *Nem vem* (São Paulo, Companhia das Letras, 2017, tradução de Branca Vianna, pp.119-123).

INFORMAÇÕES DAS IMAGENS

Gustiele Regina Fistaról

Título: **Eu sei que esse aviso avisa alguma coisa a alguém.**

Mas, eu não entendo o que está escrito.

Fotografias

2021 - Croácia / 2022 - Alemanha



Com o tempo, a gente para de sentir o cheiro do próprio perfume. A novidade percebida pelo olfato não demora a ser só mais uma coisa habitual. O que era estranho torna-se ligeiramente parte. Esse "entre", espaço-tempo e estado que o corpo ativa quando em contato com a diferença, interessa-me. A efêmera transição

da fronteira⁴ sendo ultrapassada e da novidade tornando-se algo familiar aponta um terreno do possível, lugar potente para criação. Caminhar por uma rua desconhecida e observar banalidades, evoca em meu corpo uma atenção e presença muito singulares, um despertar em meio a anestesia cotidiana que funda um espaço para invenção de novas lógicas. Em terras estrangeiras, questionei-me sobre a utilidade das placas, navegando dentro da impossibilidade de decifrar aquele conjunto de letras.



EU SEI QUE ESSE AVISO AVISA ALGUMA COISA A ALGUÉM.
MAS, EU NÃO ENTENDO O QUE ESTÁ ESCRITO.

Quero dizer,
Estou bem, mas poderia estar um pouquinho melhor.

⁴ Considerando-a não somente física/espacial mas também relacionada ao pensamento, como algo que não está fixo, mas que se transforma na medida em que experimentamos a diferença.

Essa não legibilidade propiciou uma observação e análise mais profunda desses objetos. No entre que escorre e no cotidiano que escapa, experienciei uma leitura outra. Placas, avisos, bilhetes e propagandas traduzidos em cores, formas, profundidades, texturas, em composições que compõem esteticamente a paisagem urbana.

Se eu olho e sou olhada concomitantemente por uma composição, sou eu quem escolho o que vejo, ou é esta quem escolhe como se mostra?



Registrar as placas com idiomas que desconheço têm sido parte da minha pesquisa cotidiana. Ainda hoje não sei do conteúdo escrito nelas, acho mais interessante as tentativas de adivinhação.

INFORMAÇÕES DAS IMAGENS

Mani Torres

Título: **Troca de estações**

Textos

Porto Alegre, 2021/2022

Uma parede branca. Não, não tão branca assim: uma parede gelo.

Nela, papéis rasgados com escritos colados com fita durex.

No verão, o sol espalha-se pelas palavras e compõem a parede.

No inverno, a cor da parede se parece com cinza, dependendo do horário.

Essa parede que não é branca, não é cinza, é gelo e tão fria quanto.

Um dia primavera, em outro verão, outono e inverno.

Alterações nos cheiros, nas árvores, na temperatura.

Temperaturas que mudam:

Surgem lãs, casacos, mantas, gorros.

A umidade toma conta da casa, das paredes, do cotidiano.

Os olhos observam. As mãos escrevem.

O conto de Lydia Davis foi disparador para a escrita durante a troca de estação do outono, para o inverno de 2021, em Porto Alegre/RS.

chorar junto com as paredes úmidas

vinte e um de junho: mínima de treze máxima de dezesseis
vinte e dois de junho: mínima de treze máxima de dezessete
vinte e três de junho: mínima de doze máxima de vinte
vinte e quatro de junho mínima de quinze máxima de vinte e dois
vinte e cinco de junho: mínima de treze máxima de quinze
vinte e seis de junho: mínima de onze máxima de dezessete
vinte e sete de junho: mínima de oito máxima de dezessete
vinte e oito de junho mínima de onze máxima de onze
vinte e nove de junho: mínima de sete máxima de nove
trinta de junho: mínima de seis máxima de doze
primeiro de julho: mínima de seis máxima de dezesseis

INFORMAÇÕES DAS IMAGENS

Mariana Silva da Silva

Título: **Dizem que é um lago**

Fotografias e textos

2022

Os sentidos tomados pelas palavras, que se sobrepõem à imagem das águas do rio Guaíba assinalam algo da ordem do *inframince* duchampiano - *infracino / infraleve*. A ideia de contato *inframince* vem ao encontro de zonas aquosas como aquelas dos contatos efêmeros, de ínfimos processos de misturas assinalados ou demonstrados pelo gesto artístico em contato, por sua vez, com a ideia de natureza infraordinária. Esta ideia igualmente poderia estar no contato entre palavra e imagem. O *inframince* contata o infraordinário em uma espécie de margem que coloca em suspensão zonas outrora delimitadas, imagem e palavra, cultura e natureza, rio e cidade. O texto de

Davis, por sua vez, aciona uma camada de humor melancólico no processo de articular a palavra à superfície da imagem-rio. Das sensações do clima, das percepções da atmosfera, da degradação da natureza fluvial, da identidade do Guaíba, atravessadas pelas palavras daquela escritora e, igualmente, por uma canção de Joni Mitchell - *River* (Rio, 1971), estamos suspensos na zona das pequenas percepções, o *inframince* e, aqui voltamos também ao infraordinário de Perec, fazem parte do real e demandam um ponto de vista particular, uma espécie de exploração ao nível da lupa. Nela, descobre-se um “avizinhamo contínuo de singularidades”, para usar os termos de Leibniz (LEIBNIZ apud DAVILA, 2010: p.40), procurando confirmar a constituição infinitesimal do contínuo físico.



DIZEM QUE É UM LAGO



NÃO SEI SE VOU DAR UM MERGULHO



HOJE ESTÁ MUITO FRIO



OH, I WISH I HAD A RIVER I COULD SKATE AWAY ON



Referências bibliográficas:

DAVILA, Thierry. *De l'inframince*: brève histoire de l'imperceptible, de Marcel Duchamp à nos jours. Paris: Editions du Regard, 2010.

DAVIS, Lydia. *Nem vem*: ficções. Tradução de Branca Vianna. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

DUCHAMP, Marcel. *Notes*. Paris: Flammarion, 2008.

MITCHELL, Joni. *River*. In: *Blue*. Los Angeles: Reprise Records, 1971. *On-line*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OLHxxBTI71I>>. Acesso em junho

PEREC, Georges. *L'infra-ordinaire*. Paris: Seuil, 1989.